



O Castanheirense



Quinzenário Regionalista e Cultural - Por Castanheira de Pera e Região

PROPRIETÁRIOS
Herd.º de Ilídio José Coelho

Redacção e Administração
Praça Visconde de Castanheira de Pera
ANO XLIII

AVENÇA

Telefone PPC 44316 — Of. Gráf. da Ribeira de Pera — 3280 — Castanheira de Pera —
30 DE JUNHO DE 1979

DIRECTOR-INTERINO
Eduardo Silva

Composição e Impressão:



PORTE
PAGO

N.º 1601/2

OPINIÕES

Viva a Queima das Fitas!
E fico satisfeitos ao saber que tenta-se reviver toda esta tradição Alegria decerto compartilhada por tantos outros que vibraram, sentiram o espírito da

por
PEDRO BARROS

velha academia coimbrã, neste caso.

Espírito que não era apenas andar com cuidado após o toque da cabra a fim de evitar ser-se «rapado», que não era somente as agradáveis serenatas à janela da pretendida, as despreocupadas «bebedeiras» que se apanhavam nas Repúblicas, nem as invulgares capas e batinas esvoaçando nas ruas da boémia.

Praxe que teria defeitos e virtudes, naturalmente. No entanto personificava algo mais Corporizava uma aula magna de camaradagem desinteressada, um exame final de convivência sã.

Tradição que mais fez conhecer Coimbra, ex-libris daquela cidade cujas musas do seu rio Mondego inspiram sabedoria,

é lírico afirmá-lo mas, tudo isto foi um facto.

Má fé seria não reconhecê-lo, como estupidez será repetir o argumento estafado de terem sido ideias fascistas, conceitos ultrapassados. Ou mal vai este rincão de terra onde as gentes misturam lirismo com progressismo. Que não percebem quantas vezes as capas encobriam de sigualdades sociais que se verificavam entre estudantes. Que afinal não respeitam valores que fizeram história que é intemporal.

Entretanto, eis que na caminhada deste Portugal que se julga evoluído, que se julga de progresso incutido nas mentalidades, eis que uma capa e batina, outra, ainda outra, grupos delas surgem. Eis que a melodia suave e a voz bem timbrada voltam.

E' sinal que se canta de novo por amor e com prazer!

E' sintoma que as pessoas começam a libertar-se dum mal que alguns sofrem: chamar alienan e a qualquer coisa do passado!!

«Entrevista» com Jesus Cristo

Rádio Vaticano apresentou no dia 15 de Maio de 1979 uma «entrevista» com Jesus Cristo. «Os nossos ouvintes estão



habituaados a ouvir galardoados com Prémios Nobel, artistas, teólogos, professores e cardeais para já não mencionar o próprio Papa. «~~Ele tem falado~~ aos nossos microfones», disse o locutor.

«Hoje, no entanto, não sem algum embaraço, vamos entrevistar um personagem que não é, Deus nos livre disso, um desconhecido para os nossos ouvintes. Hoje temos a pretensão de entrevistar Jesus Cristo». Seguiram-se quatro minutos de perguntas e respostas em italiano.

«Jesus, nunca recusou responder a questões. Sempre respondeu a todos, excepto a Herodes, se bem me lembro. Por isso atrevo-me a perguntar-lhe, para começar:

- Gosta do nome de Jesus?»
 - «O sentido do nome agrade-me. Quer dizer Deus salva».
 - «O que diria a uma jovem dependente da droga?»
 - «Todos os que beberem dessa água não-de voltar a ter sede. Mas aquele que beber da
- (Continua na página 2)

Lar de Idosos de São José

Comemoração do DIA DO IDOSO

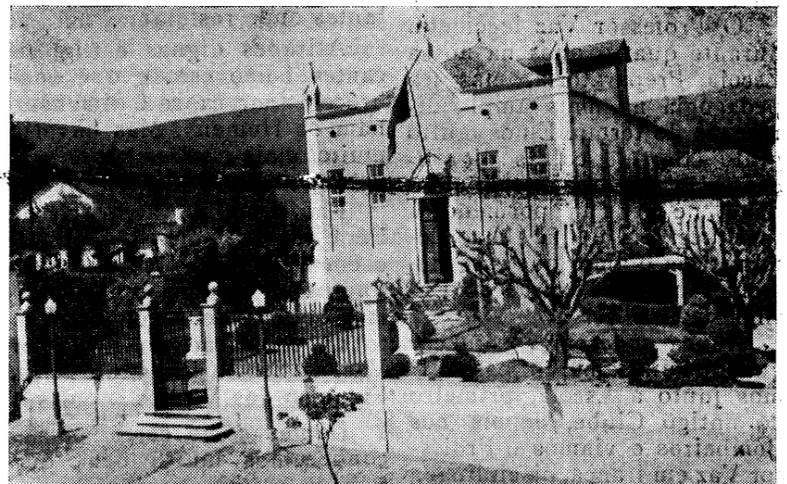
Por feliz iniciativa da União das Misericórdias Portuguesas, foi comemorado em todo o País o «DIA DO IDOSO» e, por tal motivo, no LAR DE IDOSOS DE SÃO JOSÉ, obra da Santa Casa da Misericórdia de Castanheira de Pera, também esse DIA DO IDOSO aqui teve a comemoração devida.

Além das refeições melhoradas e especiais desse dia, cerca das 15 horas houve uma grande reunião de CONVÍVIO com a presença do Provedor da Misericórdia, senhor Artur Coelho An-

todos os presentes boas oportunidades de dançar e divertirem-se cada um à sua maneira, e tal foi o entusiasmo que até um Utente, normalmente de muletas, as deixou para ir dar «umas voltinhas»!

Alguns outros IDOSOS, de ambos os sexos, não perderam a oportunidade de demonstrar a sua antiga tendência para a dança, vivendo momentos de sã alegria, fazendo-os recordar tempos em que tinham a convivência de seus Familiares.

A Senhora Encarregada Ge-



Aspecto do Lar de Idosos de São José da Santa Casa da Misericórdia

tunes, Chefe da Secretaria e Escriturária.

Compareceu também, graciosamente, para animar a reunião, o GRUPO CORAL DE CASTANHEIRA DE PÊRA, da Direcção do Senhor José Rodrigues e sua Esposa, com todos os seus componentes de ambos os sexos, os quais se faziam acompanhar pelo respectivo «orgão» através do qual se ouviram variadíssimas peças musicais que permitiram a

ral, D. Henriqueta C. Rosado Guerra Antunes, prestava a sua colaboração animando uns e outros «entrando na dança».

Depois de duas horas de franco convívio, foi servido um opipar lanche, bastante variado e cuidadosamente preparado pela senhora Encarregada Geral e suas Familiares, com a colaboração do Pessoal do Lar que da reunião de convívio fazia parte também.

(Continua na página 5)

Quem se Lembra DA 3.ª IDADE?

É um lugar comum afirmar-se que o futuro pertence aos jovens. Do maior ou menor apoio que a sociedade conceder ao jovem, dependerá, em muitos casos, o progresso, o equilíbrio, o bem-estar dessa mesma sociedade. Por outro lado, o exemplo cívico que o jovem colher no ambiente social em que está in-

por
ARMANDO REIS

serido, determinará o seu comportamento como homem e cidadão.

Simplemente uma sociedade não é apenas formada por jovens, mas por indivíduos de todas as idades e por indivíduos idosos também. O que pensará um jovem dos nossos dias desta sociedade que mal cuida de criar estruturas para que o homem e a mulher no Outono da vida encontrem o seu lugar?

Um ancião, como qualquer outra pessoa, tem direito ao máximo de saúde, de serenidade e segurança. Envelhecer não é voltar as costas à vida ou acreditar que o sofrimento é uma forma de espisar os próprios pecados.

A velhice não é apenas um facto biológico que em muitos casos tarda a chegar. E' como uma espécie de depósito de experiências, um capital que se não deve menosprezar, algo como uma reserva de trabalho e que durante muitos anos se in-

seriu num sistema de produção.

Os idosos, à semelhança das crianças, são particularmente sensíveis a um gesto de ternura e de fraternidade. Há, pois, que ser tolerante, paciente e compreensivo e que nunca se esqueça que o envelhecimento é uma lei natural da vida.

E' triste que muitas famílias resolvam o problema marginalizando-os e relegando-os para instituições de assistência onde o «profissionalismo» do pessoal os olha mais como pessoas à beira de morrer do que gente desejosa de viver e de se mostrar válida.

E' deprimente observar um ancião que se sente como um naufrago num mundo que deixou de estar feito à sua medida.

Qualquer homem que sofra tamanhas humilhações é um ser sem liberdade, sem esperança, sem fé. A insegurança o traumatiza, o irrita, o revolta. Cansado ou descrente, sente-se um fraco, um vencido, um inútil.

E no entanto a velhice tem muitos aspectos positivos. Por exemplo, uma melhor capacidade mental e uma maior maturidade. As pessoas idosas aprendem mais lentamente, mas assimilam de forma mais completa e meticulosa. Quando bem adaptadas, têm outra visão das coisas, pois há muito superaram aquele sentimento de ansiedade que as

(Continua na página 4)

A Serra de Sintra já está a arder? Solução para incêndios está em Castanheira de Pera

Do nosso prezado Colega, «A Capital», transcrevemos com a devida vénia, o seguinte artigo:

A partir de fins de Junho corrente — e dado que um sol forte e inesperado proporcionou já em meados de Maio, o primeiro incêndio do ano na zona — será lícito que toda a gente possa perguntar se «a serra de Sintra já está a arder». E isto porque não surgiram ainda medidas capazes de travar os incêndios florestais que devastam o País em cada Verão, não obstante todo o alarme lançado nas colunas da imprensa, na rádio ou através dos vídeos da TV. E por terem resultado inúteis todos os esforços desenvolvidos pelos bombeiros, ao realizarem os seus congressos anuais, e ainda por não encontrarem

eco as conclusões saídas dos Encontros da Liga dos Bombeiros Portugueses.

Em relação ao primeiro incêndio do ano, ocorrido na serra de Sintra (12 de Maio), os bombeiros queixaram-se de que o alarme fora dado tardiamente. A Secretaria de Estado do Fomento Agrário decidiu desde logo levantar um inquérito, que rematou com a declaração oficial, e já divulgada, de «não terem qualquer fundamento as acusações ou suspeitas levantadas sobre serviços da Administração Florestal de Sintra» e não ter o procedimento do pessoal ali destacado «merecido reparos especiais».

Facilmente se depreende ser o pessoal e número de postos de vigilância insuficientes, maus e difíceis os acessos à serra, estarem os bom-

beiros da área deficientemente apetrechados em meios de combate e não existir, em suma, um plano coordenador e já muito mencionado, para a defesa das florestas.

Entretanto, o perigo subsiste uma vez mais, este ano.

16 Incêndios em 4 meses

No ano findo, os bombeiros de São Pedro de Sintra acorreram a dezasseis chamadas para fogos na serra, na sua maioria verificados durante a noite.

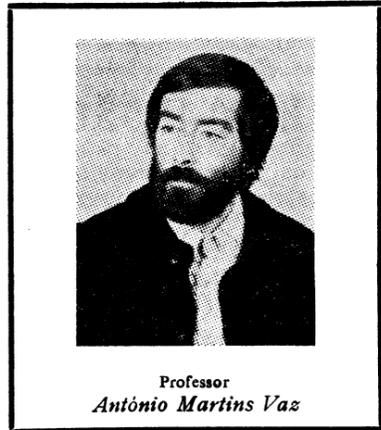
A excepção de um falso alarme para o Palácio da Pena, os bombeiros lutaram contra as chamas em zonas a cargo dos Serviços Florestais, na Azóia, Peninha, Capuchos, Vale de Cavalos, Rio da Mula; na Encosta do Pó (propriedade da Colónia Penal de

(Continua na página 5)

Recordar: Quem e Porquê?

Um dia destes, de vento agreste e chuva fustigante, flanqueou as portas da nossa Redacção um Amigo, assinante deste Jornal. Essa presença humana nos trouxe um turbilhão de recordações de um tempo não muito distante, de atitudes definidoras da autenticidade de um Homem.

E' que o assinante em causa, foi Professor na Escola Preparatória desta Vila nos anos



Professor
António Martins Vaz

de 1968 a 1972 Trata-se do Professor António Martins Vaz. Todos se devem recordar do professor dedicado, capaz, motor de arranque que foi, ajudando a elevar o Ensino nesta terra.

O Professor Vaz leccionou durante quatro anos na nossa Escola Preparatória, mas fez pedagogia na mais ampla dimensão do termo. É-nos muito grato falar de coisas dignificantes. E'-nos sumamente agradável recordar pormenores inesquecíveis e que bem demonstram o amor que esse Homem tem pelas coisas do Ensino.

Nunca poderemos esquecer quando diariamente passávamos junto à Escola, primeiro no antigo Clube, depois nos Bombeiros e viamos o Professor Vaz em franca, disciplinada e amiga camaradagem com os seus alunos, numa identificação plena, viva e fraterna como só ele a sabia viver e transmitir. Viam-se então os alunos em aulas livres, cada um com seu cavalete de trabalho, aplicando-se com gosto e vontade para corresponderem nesse método novo e de rentável aproveitamento, trazido e organizado pelo Professor Vaz. Viviam esses alunos em alegria, na experiência do método novo e mais saudável, superando-se a si próprios numa manifestação plena de identificação estimulante do trabalho do Mestre.

Não podemos esquecer haver alunos que diariamente faziam 10 e mais quilómetros a pé, de casa para a Escola! Que tremendo sacrifício o desses jovens! Pois também aqui o Professor Vaz se afirmou o Mestre humaníssimo, ajudando na campanha de angariação de fundos para a compra de uma carrinha para transporte dos

alunos. Recordamo-nos da alegria quase infantil tão espontânea e sincera se revelou do Professor Vaz ao ver a carrinha! Pois também seria ele a ceder-lhe mais sacrifícios. Com efeito, no ano em que se fez a aquisição desse meio de transporte, surge um problema de difícil solução para muitos, mas nanja para ele que procurava e sabia contornar toda e qualquer dificuldade. Não havia condutor nem disponibilidades materiais para se contrair o encargo de o admitir e a carrinha não podia movimentar-se sem condutor. E foi então que o Professor Vaz alia às funções docentes as de motorista ao serviço dos alunos e da Escola! Durante muito tempo, de manhã e à tarde, conduziu ele a carrinha no transporte dos alunos, para alívio e alegria dos mais infelizes, que para adquirirem uma maior instrução e educação se deslocavam muitos quilómetros a pé, com um paposco na bolsa!

Pois, como dizíamos, o Professor Vaz dava as suas aulas assiduamente e, sem pedir nem esperar qualquer remuneração ou agradecimento, lá ia buscar e levar sob a sua responsabilidade os alunos aos lugares distantes onde residiam

Atitudes dignas e dignificantes como esta é que enobrecem uma causa e dimensionam os Homens. Mas haveria muito mais a dizer sobre este verdadeiro sacerdote do ensino.

Em 1972 Castanheira de Pêra perdeu um PROFESSOR e em 1978/79 ganha-o um vizinho pois foi com imensa satisfação que tivemos conhecimento da colocação do Professor Vaz na Escola Preparatória de Figueiró dos Vinhos.

Damos como certo, pois o conhecemos muito bem, que todo o esforço realizado por este Professor em prol do ensino, mais o avalizou, estando pois de parabéns os alunos e a Escola para onde trabalha.

Há pouco tempo constou haver um numeroso grupo de antigo alunos do Professor Vaz interessados em promoverem um dia de convívio com o seu antigo Mestre e outros daquela época. Como recordar é viver, essa será, por certo, a mais bela galardoação que se pode dar, neste caso ao Professor António Martins Vaz pois, repetimos, bem o conhecemos. E, se os seus antigos alunos o fizeram, cumprem um dever de gratidão, tanto mais que para ele tal facto será a melhor recompensa pelo cumprimento da sua missão de Educador.

Assim, as colunas deste Jornal ficam à disposição dos antigos Alunos do Professor Vaz, que queiram inscrever-se para a Reunião de Convívio que lhe desejarem promover. *Edus.*

D. Maria do Céu Reis Preces

Na sua casa do Valinho, tem estado esta Ex.ma Senhora ilustre componente da FAMÍLIA REIS, que em homenagem ao seu saudoso Parente, dedicado Amigo de Castanheira de Pêra que foi ADRIÃO HENRIQUES DOS REIS, tem praticado valiosos actos de Benemerência que não podem nem devem ser esquecidos, entre os quais se encontra os benefícios prestados ao LAR DE IDOSOS DE SÃO JOSÉ, de que é Sócia Benemérita.

«O CASTANHEIRENSE» saudando-a, deseja-lhe feliz estadia.

NASCIMENTO

Numa Casa de Saúde em Coimbra teve o seu feliz sucesso dando à luz uma robusta criança do sexo feminino, a Sra. D. Marília da Conceição Gonçalves Lopes Pires, digna funcionária dos CTT, nesta vila, dedicada esposa do nosso amigo Sr. Jorge Lopes Pires, funcionário do Banco Fonsecas & Burnay

A nova cristã e a seus felizes pais, deseja «O Castanheirense» um futuro repleto de felicidades.

«Entrevista»

com Jesus Cristo

(Continuação da primeira página)
minha água-níada terá sede» (Jo. 4, 13).

— «E aqueles que usam armas e cocktails molotov?»

— «Todos aqueles que usam a espada hão-de parecer pela espada» (Mat. 12, 25).

— «Qual é o maior risco que a democracia corre hoje?»
— «Todo o reino divino contra si próprio acaba na desolação. E uma cidade ou uma casa divididas não se manterão de pé» (Mat. 12, 25).

— «O que pensa dos conflitos sociais? Justifica-se o uso da violência para lutar contra o poder estabelecido?»

— «Bem-aventurados os pacíficos pois serão chamados filhos de Deus» (Mat. 5, 9).

— «Como encara o mundo actual?»

— «Não vim para julgar o mundo mas para salvá-lo» (Jo. 12, 47).

— «O que considera que foi a sua promessa mais importante?»

— «Ficarei convosco até à consumação dos séculos» (Mat 28, 20).

A Rádio Vaticano revelou depois que a entrevista foi conduzida pelo locutor da rádio Paulo Scarpucci e que as respostas de Jesus foram preparadas pelo Prof. da Universidade Pontificia Gregoriana de Roma Jean Gallot, a partir de passagens do Novo Testamento.

A pergunta: — «Que diria Jesus aos jornalistas de hoje» poderia ser respondido com estas palavras de Jesus:

— «Foi para isto que Eu nasci e para isto que Eu vim ao mundo: para dar testemunho da Verdade. Todo o que se dá à Verdade ouve a minha voz (João 18, 37).»

(In «Amigo do Povo»)

Assine O Castanheirense

Notariado Português

Cartório Notarial — Castanheira de Pêra

QUINTO

Não haverá prestações suplementares, mas qualquer dos sócios poderá fazer à caixa social os suprimentos que forem julgados necessários, mediante o juro e condições que entre si for acordado em assembleia geral.

SEXTO

A cessão e divisão de quotas entre os sócios e seus herdeiros, são livremente permitidas.

Parágrafo único — Na cessão e venda de quotas, ficam tendo a sociedade em primeiro lugar e os sócios em segundo o direito de preferência na respectiva aquisição.

SÉTIMO

No caso de falecimento ou interdição de qualquer dos sócios, poderão os seus herdeiros se assim o desejarem, continuar na sociedade, onde se farão representar por um que entre si escolherem, ou por quem legalmente os represente, sendo em tal caso permitida a divisão de quota entre herdeiros do falecido ou interdito.

OITAVO

Qualquer dos sócios, fica sendo gerente com dispensa de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral, sendo necessária a assinatura de ambos os sócios para obrigar a sociedade e a representar em juízo e fora dele.

Parágrafo único. Nenhum sócio poderá em nome da sociedade assinar letras de ravor e mais actos ou documentos estranhos aos negócios sociais, ficando o sócio que transgredir o que fica exposto, responsável para com a sociedade pelos prejuizos que lhe causar.

NONO

Os balanços dar-se-ão no dia 31 de Dezembro de cada ano e dos lucros líquidos que se apurarem, será retirada a percentagem para o fundo de reserva legal e o remanescente será sem prejuizo de qualquer outra deliberação, dividido pelos sócios, na proporção das suas quotas.

DÉCIMO

Quando a lei não exija outras formalidades e prazos, as reuniões de assembleia geral serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos sócios, com a antecedência mínima de quinze dias.

DÉCIMO PRIMEIRO

A sociedade dissolve-se pela simples vontade de qualquer dos sócios.

Está conforme. Castanheira de Pêra, seis de Junho de mil novecentos setenta e nove.

O Ajudante do Cartório Notarial,

Francisco Henriques

VENDE-SE

Casa de habitação com quintais, oliveiras, terras de regadio, pinhais e sortes com mato no lugar de: **Lomba da Casa** — Concelho de: **Figueiró dos Vinhos**

TRATAR COM: José Arménio Curado Simões

TELEFONE 44476 CASTANHEIRA DE PÊRA

Luis Frias Fernandes

MÉDICO

DOENÇAS ALÉRGICAS
TESTES — ASMA BRONQUICA

CONSULTAS POR MARCAÇÃO

TELEFONE 42338 — FIGUEIRÓ DOS VINHOS

OS CONTOS DO CASTANHEIRENSE OS CONTOS DO CASTANHEIRENSE

TI JOAQUINA DA CATRAIA

por
HERLANDER
MACHADO

Apesar de tudo, aquela jornada fora proveitosa. Ganhara alguns cobres. Pelas suas contas simplistas, o negócio rendera lhe algumas boas dezenas de reis. Fora bem sucedido na venda das fazendas que antes mercara lá para as bandas de Góis

— Se tem calhado levar também algumas daquelas mantas de trapos que fazem lá para os Pisões e no Vilar... Ou se tenho carregado mais alguns barretes de lã dos que se fabricam nas Sarnadas... Mas não... Como poderia carregar ainda mais esta mula já velha?

Enfim... Tinha ido de véspera para a Lousã... Uns bons pares de léguas!... Lá dormira, mais a mula, procurando não perder de vista a mercadoria que trouxera sobre os flancos da alimária.

Batido pela invernia, o tosco palheiro onde ele e outros feirantes se tinham recolhido ao anoitecer era bem pior do que os currais da Portela. Mas, enfim, lá se arranjava.

— Que noite aquela! O frio e a humidade quase lhe tinham tolhido os ossos... Ainda agora, já no regresso, estava sentindo as pernas «ferrugentas», as mãos «engadanhadas», a espinha «derreada», todo, todo ele experimentando cansaço, desconsolo, o corpo dormente, «espilharancado» até mais não poder.

Agora, de novo o frio cortante das colinas e valeiros lhe batia o rosto e lhe feria ainda mais os beiços já gretados pelo cieiro.

Mas a escanzelada mula lá ia seguindo pelos trilhos serranos, vencendo esforçadamente o caminho, sem necessidade de sentir esporar, deixando-o, a ele, entregue às suas cogitações.

— Que noite passara, Santo Deus! E nem sequer pudera encontrar uns torquinhos ou umas cavacas para fazer lume durante aquela interminável vigília. Uma fogueira sempre os teria ajudado a vencer os rigores da friagem... Mas, sob a chuva, forava a procura da lenha, de uns simples gravetos, lá pelas redondezas do palheiro... Mesmo assim, enregelados, acabara por ser um «Louvar a Deus» o ressonar dos demais feirantes albergados, como ele, naquele rústico casebre, cujas ruínas la-deavam o caminho mesmo à entrada da vila.

— Fora o diacho aquela noite de invernia! Caíam aqueles malditos pingos por entre as telhas... Ainda estremecia perante a lembrança daquela gota gelada que lhe escorregara pelo lombo... Que arrepios, Santo Deus! E quantos espirros, Senhor! Bem vira ele que, sob o verdete de muitos anos, as telhas, fortemente batidas pelo vento, ameaçavam desabar, ao resvalarem um pouco, com a força da tempestade implacável, ao ponto de quase vencerem o peso das lousas soltas que as seguravam.

Pelos vistos, ele era mais friorento ou mais temeroso do que os demais. Quase não conseguira pregar olho. E, para seu maior mal, a manta de lã que, como sempre, tinha transportado no dorso da mula, parecera-lhe mais pequena do que nunca — ou lhe faltava nos pés ou lhe destapava os costados, por mais que, alta madrugada, tentasse aninhar-se, com ela, sobre o quente da palha solta.

— Dianho de tempo! Poucas feiras dos 24 tinham corrido com uma borrasca assim. Mas, mesmo com temporal tão violento, lá tinham aparecido quase todas as caras conhecidas. E quase apostaria que todos tinham acabado por fazer bom negócio, com ele.

— Com a graça de Deus tudo se vence! — ia pensando, animado

De qualquer modo, estava quase vencida aquela jornada tormentosa.

Mas, se nas suas contas de feirante, entrasse com o preço dos sacrifícios e riscos vividos, não poderia vir tao animoso com os resultados do seu negócio.

Rude e simples, o pobre feirante vinha mesmo contente. Desle que a mula vencera o carreiro do Candal e começara a encurtar a distância até ao alto da serra, começara o homem a consolar-se ante a lembrança do concheço da mulher e dos filhos, à lareira que o esperava lá no Coentral Grande.

— Mas que frio! Isto é de gelar o sangue... E lá vem a agueira do Sul... Não tarda que chova... Ai, este vento frio até corta... Dianho! Vai ficando tudo enevoado. Se cerra o nevoeiro ainda caio eu e a besta aí por alguma ribanceira. Quem me dera chegar já, ao menos, até à Catraia, e passar estes penhascos... Lá sempre me aquecia à lareira da ti Joaquina... Ai, valha-me Deus!... Já neva... Por esta não esperava eu, não.

E o feirante cravou as esporas na mula, sem que esta acelerasse a sua marcha.

A pileca lançava fumo pelas ventas, enquanto as suas patas se desengonçavam ainda mais, aos arrepios, sentindo a neve por entre o mato. Ia sem forças a azêmola, escanifrada pelos anos e cansadas de muitas jornadas pela serra. Arrastava-se sofredora, queimadas as energias ao serviço do feirante. Ia já longe o tempo em que ele a trouxera ufano lá do Chão do

Couce, onde deixara duas notas a troco do animal possante que ela então era...

**

Foi muito grande o nevão. Entre o Candal, a Catraia e a Encosta dos Ferreiros, estendera-se rapidamente uma espessa camada de neve. Havia muitos anos que não nevava assim.

Para calcorrear as cumiadas serranas havia que despende um esforço obstinado.

Um casal de sardineiros foi surpreendido pelo nevão. A mulher acabou por ficar prostrada, junto a uns penedos, lá para os lados do carreiro do Singral, enquanto o homem porfiou na demanda da casa da tia Joaquina da Catraia, para pedir socorro.

Era gente que vinha lá dos lados de Miranda do Corvo, para ganhar a vida, a vender sardinha, por aqueles lugarejos semi-escondidos nas vertentes da montanha.

Nesse dia, o nevão saíra-lhe ao caminho. Ainda porfiaram no esforço para, ao menos, chegarem à Catraia. Mas, enregelados, foram perdendo as forças, ficando a mulher caída e atulhada na neve. Lá se deixou ficar para trás, ainda expectante de auxilio — ou talvez da morte — enquanto o seu homem teimava na procura de ajuda, prosseguindo a caminhada em direcção à Catraia.

Gelado, quase moribundo, também ele veio a desfalecer lá emriba, caindo no solo, já bem perto, afinal, do casebre da ti Joaquina.

Afastados um do outro os olhos vítreos, as faces lívidas, as mãos hirtas, sempre, batidos pelo frio cortante da neve e do vento, para ali ficaram inertes os dois, no alto da serra, enquanto a tarde se sumia.

**

Cada vez mais fraca, a mula do feirante ia prosseguindo penosamente a caminhada.

Encolhido, o cavaleiro ia meio zozzo, entorpecido, a cabeça descaída, o corpo inclinado sobre a pescoceira do animal.

Ferraduras marcadas na neve, o trilho do casebre da ti Joaquina ia ficando delineado.

Soprando, a mula teimava em vencer a curta distância a que já estava da Catraia. Depois, assinalou a chegada desatando a zurrar logo que estacou à porta da casa. Fê-lo nervosa e irregularmente, como que obedecendo a um irresistível instinto.

Logo rangeu os gonzos a pesada porta de castanho enegrecido, aparecendo, curioso, o rosto do Evaristo, o marido da Glória, que de imediato gritou para dentro:

— Eh, ti Joaquina, temos aqui um homem quase à morte. Está mais branco do que a neve. Se calhar até já está morto mesmo em cima da cavalgada... Olhe peça aí à Glória que venha ajudar-me a tirá-lo da besta... Parece que o homem já nem está capaz de tugar nem mugir...

Azougada, veio a Glória, faces rosadas, formas roliças, inqueridora, enquanto a mãe, a ti Joaquina, resmungava, lá de dentro:

— T'arrenego!... Com um tempo destes e estes almas penadas metem-se assim ao caminho... Depois, cá estou eu para lhes valer... Seja em desconto dos nossos pecados... e por alma do meu defunto e da minha mãe... que também salvou muita gente cá na serra... Sim, porque a ti Maria da Catraia não era só a costureira que ia dar dias a Pêra e ao Coentral... Ela ensinou-me também a valer a estes desgraçados que se deixam apanhar pela neve e pela chuva aí pelos caminhos da serra... A ti Maria da Catraia acudiu aqui a muitos...

(Continua na página 4)

o concelho de norte a sul o concelho

SAPATEIRA

Fazer a Festa e Lançar os Foguetes!

Concluído que foi o lavadouro da Sapateira, ficou satisfeita uma real necessidade da população local acerca da qual se levantou acesa polémica. Não obstante termos defendido sempre, nestas colunas, com grande determinação a realização desta obra não nos escusamos a fazer alguns reparos a factos registados subsequentemente e que merecem na verdade uma chamada de atenção e mesmo crítica em um deles. Assistimos por um lado, após a conclusão do lavadouro, a um procedimento de certo modo depreciativo para os seus intervenientes. Efectivamente, concluída a obra, o lavadouro aguardou de trancas na porta que as entidades oficiais viessem fazer a sua «inauguração» o que actualmente é, em nosso entender, um acto no mínimo dispensável para não recorre a outra adjectivação que possa eventualmente ferir certas consciências facilmente ofensíveis. Mas enfim, fez-se está feito!... Agora o que se não pode deixar em claro é que para esta inauguração, uma vez que foi feita, não tenham os promotores (Comissão de Moradores) convidado de forma pública e objectiva toda a população, restringindo assim o acto a uma espécie de reunião de amigos. É a população já contestou este procedimento e continua a contestar. Eles lá sabem porquê!...

Por outro lado, a chamada de atenção prende-se ainda com o mesmo problema do lavadouro e baseia-se fundamentalmente em certos indícios de escassez de água que se estão verificando pontualmente em alguns locais de acesso mais difícil. Aconselha-se a Comissão de Moradores a tomar as necessárias providências sob pena de vir a ter mais uma «arrelia». Espera-se que não deixem que os contestatários encontrem motivo para novas campanhas que já se vão começando a desenvolver a partir dos mais atentos.

J. C.

Reinspinhal

SERA' DESTA?...

Tudo indica que é chegada a hora do Reinspinhal vir a arrumar de vez os candeeiros a petróleo. Na verdade, procede-se já à execução de trabalhos preparatórios com vista à colocação dos postes que a partir dos Moredos aí hão-de conduzir a electricidade. Dado a circunstância de, em tempo, este caso ter merecido a nossa atenção, sendo então referida a necessidade deste melhoramento, muito nos apraz registar o facto de se estar a dar início a estas obras que, esperamos, tenham uma rápida conclusão.

(Continua na página 4)

TERRENO

VENDE-SE em Castanheira de Pêra, bem localizado para construção

Informa esta Redacção

ATENÇÃO

Faltam só 45 dias, para a inauguração das modernas instalações dos

MÓVEIS COSTA

4 pisos 800 m²

"O maior prédio comercial até hoje construído neste Concelho"

Temos 5 anos de existência. Os preços que praticamos são a razão da nossa expansão.

Faça-nos uma visita e confirme

Um Gerente

José da Silva Costa

TELEFONE 44152 — CASTANHEIRA DE PÊRA

OS CONTOS DO CASTANHEIRENSE OS CONTOS DO CASTANHEIRENSE

TI JOAQUINA DA CATRAIA

por
HERLANDER
MACHADO

(Continuação da página 3)

E não sou eu quem vai deixar de valer a mais alguns... Que raio de vida!... Os pobres não têm culpa destas andanças do tempo... Só o Senhor sabe...

Neste momento, a ti Joaquina da Catraia benzeu-se, quase em susperstição, para surgir, pouco depois, à porta, onde se deixou ficar por uns instantes a olhar o forasteiro que chegava desfalecido.

Bufava a mula, enquanto o Evaristo e a Glória tiravam da sela o pobre feirante.

Quase hirto, uma brancura de cadáver, os dentes cerrados, o desgraçado nem esboçou qualquer movimento, caindo sobre o Evaristo que, as mãos possantes, os braços firmes, o abraçava, segurando-o na queda. Um dos pés do cavaleiro teimava em ficar preso no estribo, mas a força do Evaristo e o jeito da Glória logo o libertaram.

Quase de braçada, o feirante foi levado para o interior da casa.

Largaram no à lareira, a nuca encostada às negras pedras da cozinha, as botarras quase entrando no borralho.

— Espere que eu já lhe entio alguma coisa quente pela goela abaixo — disse a ti Joaquina, enquanto se apresentava a puxar a cafeteira de zinco enegrecido, que tinha sobre a tosca fornalha de pedra.

Depois, a velha despejou um líquido escuro num púcaro de barro esbocelado e agarrou a queixada do forasteiro.

— Este já tem a boca perra como o Diabo — bramou. Mas logo acrescentou, ao ver o leve tremeluzir nos olhos do feirante:

— Ná... Este safa-se... Ainda hoje há-de comer da minha sopa.

Súbito, enquanto enfiava o líquido pela bocarra do homem, gritou para a filha:

— Eh, Glória... Não deixes a besta lá fora... Vai pô-la no curral das cabras que ela sempre há-de aquecer ao pé delas.

Pouco depois, ainda tremente, a voz presa, uma letargia condicionante, o pobre feirante tentou esboçar um agradecimento entaramelado, enquanto, num instinto, afagava a mão esquelética da velhota:

— O-bri-ga-do, ti Joaquina.. Bem haja... Que Deus a ajude.

Um tanto desabrida, sempre espevitada, a velha retorquiu ao seu modo brusco:

— Ai ajuda, ajuda... Pois não havia de ajudar?... Olhe que o que mais falta aqui é miséria... Disso tenho eu a casa farta!

Teve, então, uma brusca pausa e logo acrescentou conciliadora:

— Mas que disse eu?... Que Deus me perdoe!... Verdade, verdade, que, Graças a Deus, sempre se vai arranjan-do para a bucha... E cá vamos tendo saúde... Que é o principal!... E até vamos acudindo aos outros que, como vossemecê, cá nos aparecem a cair à porta.

Caiu a noite. Agreste, o vento zurzindo, neve e mais neve...

Estalavam as torgas na brazeira da ti Joaquina.

— Tome lá, home — disse o Evaristo para o forasteiro — beba agora um pouco da rija, que lhe cai bem sobre as couves de sopa.

De um só trago, dando um ruidoso estalido com a língua, o feirante esvasiou o copo de aguardente morangeira, que o outro lhe estendera. Ficou mesmo deliciado com a ardor que sentiu nos gorgomilos.

— Obrigado, amigo. Vocês salvaram-me. Foi Deus que os pôs no meu caminho.

— Ná — atalhou o outro, a rir — a sua mula é que soube cá vir ter. Olhe que nós nem sonhámos que andasse gente por aí, com um temporal destes.

Depois deram-lhe uma enxerga e umas mantas, deixando-o num recanto do casebre, a roncar deliciosamente, já recomposto pelo calar daquela recepção solícita e caridosa.

Seguiria no outro dia para o Coentral

Já o Sol ia alto quando o feirante, deixados uns cobres sobre a mesa dos seus hospedeiros, abalou em direcção ao Coentral.

Já dejuados, homem e mula iam refeitos da jornada. Chegariam lá para a hora do almoço, acabante as Trindades.

Mas, nesse fim de manhã, alguém bateria de novo à porta da Ti Joaquina da Catraia, a pedir socorro para um homem e para uma mulher que tinham sido encontrados, sem sinais de vida, perto do carreiro do Singral;

Lá foi a Glória e o Evaristo, mas eram já cadáveres os dois sardineiros. Distanciados uns quinhentos ou seiscentos metros, os dois corpos estavam completamente gelados.

Logo se presumiu que o marido tomara e dianteira para pedir socorro à ti Joaquina, acabando por sucumbir já bem perto do casebre que demandava.

— Que pena! — lastimou-se a ti Joaquina — Se eu tivesse adivinhado que esses pobres andavam por aí a morrer de frio... íamos à procura deles, pois «atão»...

Assim, consumada a tragédia daquele casal, nada havia a fazer. Tinha-se de avisar as autoridades. Alguém teria de levar recado à «senhora Câmara». Ou se passasse um carro de

bois, tinham de carregar nele aqueles corpos e levá-los para a vila.

E, apesar da evidência da causa daquelas mortes, em breve a maledicência da gente das aldeias próximas viria a atribuir o desgraçado fim daqueles sardineiros aos excessos da aguardente que o casal teria emborcado para tentar aquecer-se.

Aquilo... estavam já bêbados e não puderam atinar com o caminho... Foi isso, foi — dizia-se nas redondezas.

Na imensidão das serranias, a ti Joaquina da Catraia ficou lendária pela assistência dada aos passantes. Pelos lugarejos da serra da Lousã ainda hoje se fala nessa figura tornada popular, em cuja casa, abrigada numa vertente, bem perto do topo da montanha, no extremo oposto ao Trevim e ao Santo António da Neve, encontravam protecção os caminhantes surpreendidos pelos rigorosos temporais.

Hoje está em ruínas o casario outrora pertencente à ti Maria, depois à ti Joaquina e, por fim, à Glória e ao Evaristo.

Aí por 1965 houve um coentralense — o Manuel Carvalho, que prosperou com as suas fábricas na Lousã — que tentou conservar e restaurar, porventura melhorar esse abrigo. Mas, após a morte desse industrial, o local caiu quase em total abandono.

Na incúria e na devastação do tempo e das pessoas, ainda lá se podem ver as lápides evocativas dessa mulher destemida, que viveu e morreu no isolamento da Catraia.

Uma das inscrições diz:
«MERCIDA HOMENAGEM «A TI JOAQUINA DA CATRAIA» QUE COM O SEU LUME SEMPRE VIVO, NOITE E DIA, SOCORREU DURANTE TANTOS ANOS, TANTOS PASSANTES EM PERIGO, ACOSADOS PELOS GRANDES TEMPORAIS DA SERRA».
JUNHO — 1965

Noutra lápide, pode ler-se o seguinte:

LARGO
DA TI JOAQUINA
XIX — VI — MCMLXVIII

Também foram postos na frontaria da casa três painéis de azulejos. Um reproduz o retrato da ti Joaquina e tem como legenda: — «CATRAIA DA TI JOAQUINA».

Eis o retrato, marcado por uma dura expressão:

* Risco ao meio, negros cabelos formando ondas sobre as têmporas, rosto comprido, sobranceiras arqueadas e espessas, nariz afilado e longo, salientes maçãs do rosto, lábios finos e rasgados, queixo proeminente.

Arrecadas e cordão com duas medalhas a recortarem-se sobre o negro do vestido.

O outro painel regista um quadro pastoril. Pastor e cão, algumas ovelhas e cabras e o magnífico cenário da montanha são os pormenores deste segundo painel.

Finalmente, um terceiro quadro foca a figura de Santo António.

Novos vândalos têm andado por ali à solta. Apedrejando os azulejos, já deterioraram estas imagens. E uma estatueta sacra, que fora colocada junto à estrada, foi quebrada pela base, desaparecendo todo o corpo da figura de Nossa Senhora. E apenas lá deixaram ficar os anjos de mármore que estavam depostos a seus pés.

Neste Portugal há um selvático instinto de destruição. Porquê?

HERLANDER MACHADO

10 / Maio / 1979

Do livro de contos da tradição oral
da Serra da Lousã-Coentral
TERRA DE ENCANTOS
— a publicar brevemente

À MINHA TERRA

*Eu canto a minha Terra altiva e nobre,
Fonte perene de beleza austera,
Nela o labor que a dignifica imp:ra
Tecendo a tela que aos humildes cobre.*

*É pequena mas não se sente pobre
Por isso. Tem gente activa e sincera
E graças mil quando, na Primavera
Lá da serra o Sol seu brilhar descobre!*

*Tem bons ares, águas cristalinas,
Verdes prados onde crescem boninas
De lindas cores, lindas sem rival*

*Tem belos panoramas em redor
E dos seus filhos devotado amor
A minha Terra qu'rida — Troviscal!!!*

M. David Tomaz

Anuncie em "O Castanheirense"

o concelho de norte a sul o concelho

Além da Ribeira

Um Acesso que Tarda!

Além da Ribeira, mercê da sua localização, tem sofrido um acentuado crescimento que naturalmente obriga a uma adaptação das infra-estruturas de modo a garantir um mínimo de condições de habitabilidade. Destas infra-estruturas destacamos os arruamentos que, neste particular, se encontram em estado de grande degradação. Efectivamente, se as condições já em tempo eram precárias, recentemente, com a instalação da rede de esgotos a situação agravou-se e hoje o acesso a esta povoação faz-se em circunstâncias bem difíceis. Alertamos aqui os responsáveis autárquicos para a necessidade de concretização destas obras.

J. C.

Quem se lembra da 3.ª Idade?

(Continuação da primeira página)

preocupou na juventude. As pessoas idosas são em regra mais equilibradas, têm outro auto-domínio e outra capacidade de julgar, pois estão mais libertas de paixões e beneficiam de uma larga experiência. As pessoas idosas à medida que envelhecem, estão menos sujeitas a doenças endémicas e revelam até uma certa imunidade a muitas delas.

De resto, abundam os exemplos da fecundidade e validade da velhice. Miguel Angelo quando deu por concluída a sua obra prima, tinha 87 anos. Goethe completou o «Fausto» aos 82. Verdi escreveu a «Avé-Maria» aos 85. Mais modernamente, podemos citar o caso do chanceler Adenauer que tinha 73 quando iniciou os seus 15 anos de governo. O papa João XXIII, de quem ninguém esperava já grandes coisas, e que revolucionou o Vaticano com mais de 70 anos. Rubeinstein que, aos 84 anos, recebia as maiores ovações da sua vida artística nos concertos que dirigia.

Torna-se assim imperiosa uma outra política empenhada na luta contra a segregação social de que são vítimas as pessoas de idade. Há que dar ao ancião o lugar que lhe compete. É necessário que seja abandonado o preconceito de que «os velhos» são um entrave a quem quer singrar na vida ou que constituem «os forçados da solidão». Que lhes seja concedida, se for caso disso, «uma terapêutica ocupacional» isenta de pieguice ou falsa caridade, para que se sintam elementos úteis à comunidade e não como sucata humana.

É bom não esquecer que o progresso da ciência prolongou o tempo médio da vida dos indivíduos e que um número sempre crescente de anciãos irá influenciar a mentalidade e a cultura dos povos. É bom também não olvidar que quem semeia, colhe.

A velhice não pode continuar a ser um debruçar-se sobre um passado cada vez mais longínquo, um estar sem futuro à espera da morte.

ARMANDO REIS
(In «A Comarca de Arganil»)

Lar de Idosos de São José DE Sarzedas de S. Pedro A serra de Sintra já está a arder?

Comemoração do DIA DO IDOSO

(Continuação da primeira página)

Por casualidade, a Esposa do Regente do Côro, comemorava nesse dia o seu ANIVERSÁRIO e a Senhora Encarregada Geral disso conhecedora, teve a gentileza de lhe preparar um BOLO DE ANIVERSÁRIO e na altura própria lhe foi oferecido na presença de todos, ouvindo-se então o «parabéns a você», que todos os presentes entoaram.

Seguidamente a Senhora Encarregada Geral, leu os versos alusivos de sua autoria que embora sem preocupações e rigores de rima, foram bem aceites e aplaudidos por todos Idosos e não Idosos, e se indicam abaixo.

O Senhor Artur Coelho Antunes, digno Provedor, usou da palavra referindo-se ao significado do DIA DO IDOSO, e ao respeito que aos Idosos é devido, mormente quando deixaram de ter os carinhos familiares tão necessários mas que o Lar pretende compensar com a ternura que lhes é devida.

O Senhor Rodrigues, em seu nome e no do Côro que rege, agradeceu também.

O serviço da «merenda» como se disse estava completo e variado e foi acompanhado de bebidas aos diversos paladares o que raramente é possível dadas as carências financeiras que vamos atravessando.

Finalmente, o DIA DO IDOSO, feliz iniciativa da União das Misericórdias Portuguesas, foi esplendidamente comemorado no LAR DE IDOSOS DE SÃO JOSÉ, de Castanheira de Pêra e veio trazer aos 40 Utentes do Lar, um dia de inesquecível convívio e alegria.

Com a comemoração do DIA DO IDOSO, efectuada como acima se relata, phocedeu-se efectivamente á inauguração da SALA DE CONVÍVIO que a generosidade da FAMILIA REIS, mais especialmente da Ex.^{ma} Senhora D. Maria da Soledade Henriques dos Reis e sua Sobrinha D. Maria do Céu Reis Preces, proporcionou que se efectivasse dignamente como se encontra, representando um importante melhoramento para o LAR DE IDOSOS DE SÃO JOSÉ onde os respectivos Utentes podem conviver mais á vontade e nas devidas condições. Estamos certos que quer a Santa Casa da Misericórdia de Castanheira de Pêra e os Utentes do seu Lar de Idosos de São José, este, iniciativa do falecido Benemérito Adrião Henriques dos Reis, nunca esquecerão a efectivação desta Obra, merecedora dos maiores agradecimentos.

Pena foi, todavia, que a Ex.^{ma} Senhora D. Maria do Céu Reis Preces, acidentalmente nesta data em Castanheira de Pêra, não tivesse tido a oportunidade de assistir a esta comemoração do DIA DO IDOSO, para a qual havia sido convidada.

Isso não obstou a que fosse patente o merecido agradecimento quer da Santa Casa da Misericórdia de Castanheira de Pêra, quer dos Utentes do Lar de Idosos de São José, pelo importante melhoramento que a todos beneficia sobremaneira.

SAUDAÇÃO POÉTICA

Versos feitos ao correr da pena e lidos pela Encarregada Ge-

ral, sua autora, D. Henriqueta C. Guerra Antunes:

Festeja-se hoje o dia dos nossos queridos velhinhos por isso nos apressámos a fazer estes bolinhos

Estas Almas tão bondosas que a todos adoramos quem dera que possamos viver pelo menos até aos cem anos

Dedicamos esta Festa tão humilde e graciosa esperando que gostem dela foi feita com amor e rosas

Vimos pedir-lhes perdão por melhor não poder ser damos-lhes muitos beijinhos é tudo o que podemos fazer

Ao estar junto de vós é sempre com emoção sempre lembrando-me daqueles que já lá vão

Vós sois a minha Família que eu adoro como a sol luminoso Dando-vos a todos beijinhos porque é hoje o dia do Idoso

Que para o ano que vem esta festa se repita com a mesma alegria se vos agrada a minha companhia.

GRUPO CORAL

O Grupo Coral a que nos reportamos acima, é superiormente orientado pelo Senhor José Maria Rodrigues, mui digno Técnico da firma António Lopes Ladeira, Sucs. Lda., do Coentral, com a óptima colaboração de sua Ex.^{ma} Esposa, D. Maria de Lurdes Silva Rodrigues.

Dele faz parte um Grupo de Jovens dedicados que com as suas exhibições dão extraordinária vida ao Conjunto, tornando bastante agradável a sua presença de esplendida apresentação dos diversos números do seu repertório.

Agora que se aproximam as FESTAS DE VERÃO do nosso Concelho, este Grupo poderia nelas tomar parte, pois lhes daria certo brilho.

A Juventude que dá vida ao Grupo é composta pelos seguintes elementos:

Cristina Bernardo, Maria Adelaide Fernandes, Fernanda Alves, Elizabeth Antunes, Mário Tomás, José Domingues e Américo Macário.

Alagoa sem água potável!!! Mas...?

Todas as pessoas que observam as necessidades das populações sob um ângulo de verdadeiro progresso e de melhoria das condições de vida sabem que o saneamento básico tem prioridade sobre obras mais ou menos necessárias e muito mais sobre as que se podem dispensar temporariamente.

Em Alagoa, povoação que dista 7 quilómetros e poucos metros da sede do concelho de Castanheira de Pêra, servida por bons transportes para este concelho e 16 quilómetros aproximadamente de Pedrógão Grande ao qual pertence e com más ligações de transportes constata-se que não tem água potável ao domicílio além da que existe por vezes não estar em condições de salubridade e falta com frequência no Verão.

Há ou pelo menos está pedido há vários anos o projecto para esse saneamento, mas há

BAPTIZADO

Na Igreja Paroquial de Castanheira de Pêra, celebrou-se no passado dia 17, o baptizado do menino Luís António dos Santos Alves, natural da Valinha Fontinha (Sarzedas de S. Pedro) filho do Sr. António da Conceição Alves e da Sra. D. Lina Maria da Conceição Santos Alves.

Foram padrinhos o Sr. Joaquim Manuel Ribeiro Alves e a menina Cília da Silva.

Ao novo cristão, deseja «O Castanheirense» um futuro repleto de felicidades.

Nem tudo é mau na vida...

Desapareceu, ao fim da tarde, num dos passados Domingos da sua residência o Sr. José Simões.

Velhinho simpático, com dificuldades de visão, conta já 97 anos de idade, é estimado por todos os seus vizinhos e conterrâneos.

Dado o alarme, toda a gente de Sarzedas de S. Pedro, com os poucos meios ao seu dispor, mas animados de forte vontade e grande estima pelo simpático José Simões calcorrearam caminhos e valetas, viraram quasi do avesso as terras, os caminhos as estradas, num raio de mais de 3 quilómetros.

Pedida a colaboração da G.N.R. de Castanheira de Pêra essa ajuda não se fez esperar e dois soldados da prestimosa corporação acompanhados pelo seu cão, seguiram o pessoal da terra durante toda a noite na nobre missão de servir o próximo.

E' reconfortante, nos dias atribulados e cheios de mal-querer que infelizmente ainda se vivem em alguns pontos do país poder saber que as populações podem contar com a colaboração da G.N.R. que assim procura dignificar o seu lema, «Pela Lei e pela Grei».

Aproveitamos esta oportunidade para deixar aqui o agradecimento dos filhos do José Simões, Libânio Simões e Augusta Simões, que nos procuraram para expressarem o seu reconhecimento à G.N.R. local, bem como a toda a população de Sarzedas de S. Pedro, demonstrando todos uma amizade fraterna e um espírito

(Continua na página 7)

(Continuação da primeira página)

Sintra), Mirandela (propriedade das Freiras e Colónia Penal); e numa propriedade particular em Vale de Cavalos. Os incêndios ocorreram durante os meses de Julho, Agosto, Setembro e Outubro, e o somatório de prejuízos foi alto.

«O material remedia, mas não é suficiente para o combate de incêndios deste género», declaram o comandante e ajudante de comando, respectivamente, Fernando Melo e António Ferreira Rodrigues. «O apetrechamento é obsoleto, há mais de cinco anos que lutamos por mais um pronto-socorro. Os carros são velhos e, operacionis, contamos apenas com três».

A serra de Sintra, pela sua constituição, não permite a adopção de técnicas tal como são utilizadas no estrangeiro — registamos.

A solução, segundo os Voluntários de São Pedro de Sintra, estaria numa prevenção mais eficaz dos Serviços Florestais, um melhor equipamento das corporações e no arranjo dos acessos à serra, hoje caminhos quase impraticáveis e oferecendo forte entrave às acções de combate.

Dois milhões de árvores perdidas

No Verão de 1975 — segundo foi noticiado na altura — perderam-se quase dois milhões de árvores em incêndios (espontâneos ou criminosos) ocorridos em florestas, número correspondente a cerca de quatro mil hectares queimados e houve um prejuízo de cerca de 26000 contos em resina.

Em Março de 1976, a Liga dos Bombeiros Portugueses deu a conhecer as conclusões de um encontro, realizado em Coimbra, e apontou a gravidade dos prejuízos resultantes dos incêndios ocorridos nas florestas, denunciando a falta de medidas de prevenção situações de catástrofe idênticas às do passado. Alertava ainda para a possibilidade de, no próximo Verão (1976), se registarem incêndios de consequências muito mais graves.

Por altura do XII Congresso dos Bombeiros Portugueses «Guarda, 1977), Orlando de Sousa Silva, um participante licenciado em engenharia de fogos, declarava a «A Capital»: «Poder-se-á dizer que os catastróficos resultados que se observam no campo da segurança contra incêndios se ficam a dever, principalmente, a uma falta de coordenação e à ausência de um organismo estatal dirigido por profissionais especializados.» E Sousa e Silva acrescentava: «Além de uma notória falta de meios existe ainda o vício da improvisação.»

O XII Congresso dos Bombeiros Portugueses não serviu então de esperado trampolim para um melhoramento efectivo no quadro da segurança contra incêndios. Mas no congresso que se seguiu (Estoril, 1978), os bombeiros souberam que algo, enfim, ia entrar em movimento. O Conselho Coordenador do Serviço Nacional de Bombeiros foi criado e encontra-se constituído, há cerca de dois meses.

Deteção imediata é chave do problema

Em cada ano e na estação estival, os incêndios consomem milhares de hectares de florestas. Parece irremediável.

De há muito é convicção das autoridades, estarem na origem desses incêndios actividades criminosas. Há o fogo posto, propositado, e ainda aquele que resulta do descuido de indivíduos ao acenderem fogueiras durante piqueniques, ao lançar pontas de cigarro de automóveis em an-

damento, ou ao deixar ao abandono, nas matas, matérias susceptíveis de provocar combustão.

Acresce que, para além de um insuficiente esquema de protecção, de vigilância, se não processam operações de limpeza das matas, na maioria dos casos.

E tudo isto acontece em Sintra, onde sete corporações de bombeiros se instalam nas abas da serra e mais quinze num raio calculado em dez quilómetros, prontas a Intervir... quando a floresta começa a transformar-se em brasero.

Mas, tal como nos diz o tenente-coronel Teixeira Coelho, da Inspecção de Incêndios, em Lisboa, para dominar um incêndio «é necessário primeiramente um copo de água, um balde depois e a seguir os bombeiros, e então não há bombeiros que cheguem».

Segundo o tenente-coronel Teixeira Coelho, a detecção imediata é a chave da questão. Por isso a necessidade de postos de vigia convenientemente localizados. «Mas, o que acontece é a área florestal não depender exclusivamente do Estado. Na sua grande maioria, a mata é privada.»

«O problema é complexo», acrescenta o tenente-coronel Teixeira Coelho, que informa ter sido já entregue no Ministério da Administração Interna, elaborado por comissão composta por dois Inspectores de incêndios e dois engenheiros, um estudo sobre as razões dos incêndios florestais, nele tendo sido introduzidas propostas no sentido de os evitar.

O tenente-coronel Teixeira Coelho estabelece a falta de civismo como origem dos incêndios, uma vez que os espontâneos são em pequeno número. «A origem é o homem», assevera. «Pode não ser criminoso, sim acidental, mas essa é a origem». E menciona as fogueiras, as pontas de cigarro, os incêndios que ocorrem a horas anormais e em zonas não habitualmente frequentadas.

Na sede dos Bombeiros Voluntários de São Pedro de Sintra havia sido referida a necessidade de um reapetrechamento. Citamos esse ponto, anotamos a resposta:

«E' um mal geral. Acontece que o equipamento é muito caro e operacional apenas num período de cinco anos. A solução seria a de uma linha de montagem de veículos para as corporações de incêndios. Isso é possível, e resolveria não só o aspecto económico, como proporcionaria um apetrechamento muito mais adequado às necessidades.»

Revelando que o problema do apetrechamento das corporações é um trabalho a que vai meter ombros agora o Conselho Coordenador do Serviço Nacional de Bombeiros, adianta:

«Para já, porém, a localização de tanques de água, de pequenas represas na serra de Sintra, onde a água não falte, e a utilização de carros ligeiros, poderiam contribuir para um ataque mais rápido e eficaz aos incêndios.»

Solução em Castanheira de Pêra?

Um corpo de vigilância e prevenção de incêndios, com a tarefa de reduzir ao mínimo o flagelo dos incêndios que se têm verificado na zona florestal de Castanheira de Pêra, acaba de ser organizado no concelho, por iniciativa conjunta de quinze comissões de trabalhadores.

A notícia foi dada em 14 de Julho de 1975 e acrescentava ser o corpo constituído por uma comissão coordenadora e por comités de vigilância.

Não obstante os depoimentos que publicamos serem coincidentes quanto à necessidade de uma vigilância eficaz — e também a manutenção em boas condições dos acessos à serra — afigura-se-nos que pouco se irá conseguir neste capítulo, até ao Verão que se aproxima.

Contactada a Direcção-Geral de Ordenamento Florestal, em Lisboa, pouco mais foi possível registar que, «se manterá no Verão o sistema de alerta permanente».

O pinhal de Leiria é uma zona bem cuidada e, em Sintra, tal poderia possivelmente ser feito, pois bem o merece. Esta a opinião do tenente-coronel Teixeira Coelho. Isso e a plantação de cedros, ao invés de pinheiros, o que tornaria o risco de incêndios — como aventam os Voluntários de São Pedro de Sintra.

Feito porém o balanço de toda a matéria aqui exposta, apenas uma solução nos parece como viável: a de Castanheira de Pêra.



AGRADECIMENTO

Maria da Piedade Henriques Coutinho

Sua família na impossibilidade de o fazer pessoalmente como muito seria do seu desejo, vem por este meio manifestar o seu eterno reconhecimento a todas as pessoas que a acompanharam à sua última morada este seu ente querido ou por qualquer outra forma lhe transmitiram o seu pesar.

Castanheira de Pêra, Junho de 1979.

(Continua na página 7)

AUTOMÓVEIS

Deseja comprar, vender ou trocar o seu Automovel ou Forgunete a gasolina ou a gasoil?

Consulte

AUTO PONTE DE ARROIOS, L.^{DA}

DE MANUEL TOMAZ & FILHOS

Rua de Arroios, 152-A

Telefones 4 0185 e 538034

LISBOA - 1

- Fibras artificiais e Sintéticas
- Desperdícios de Algodão e fibras
- Algodão em Rama
- Trapos de Lã e Algodão

Fornecedores de matérias primas para a indústria de lanifícios há mais de 50 anos

L. FARGE, LIMITADA

Rua do Freixo, 1291

PORTO

Telefones: Urbano 51094 — Estado 197

Telegramas: EGRAFE-PORTO

Agente em Castanheira de Pêra: Casa José Coelho Junior



BASQUETEBOL OPERAÇÃO ALTURA

Do comunicado n.º 054-78/79 da Federação Portuguesa de Basquetebol se transcreve o que consta sobre o que se encontra em epígrafe:

«A semelhança do que foi feito, com largo alcance, em muitos países europeus, a Federação Portuguesa de Basquetebol vai realizar pela primeira vez em Portugal a «OPERAÇÃO ALTURA».

Detectar jovens excessivamente altos para a sua idade e encaminhá-los para a prática do Basquetebol é o objectivo desta acção.

Acontece que o jovem muito alto é por vezes, marginalizado e mesmo afastado da prática desportiva, pois apresenta nestas idades problemas de força, agilidade, velocidade, coordenação motora ou mesmo percepção espaço-temporal.

Sendo os treinadores de basquetebol técnicos extremamente pacientes e perseverantes e sabendo que a formação de um jogador de basquetebol leva anos, eles estão prontos a receber nas suas equipas jovens com um crescimento acelerado em relação à idade.

Esta campanha compreenderá 8 fases:

1.ª FASE

Divulgação através dos órgãos da comunicação social.

Distribuição de cartazes de divulgação da actividade pelas Associações, clubes e escolas em todo o país.

Pesquisa e detecção dos jovens.

2.ª FASE

Tratamento dos dados e informação dos mesmos aos clubes e Associações.

3.ª FASE

Concentração e informação técnica-pedagógica nas férias de Verão de um certo número de jovens de acordo com a estatura e idade.

SE TENS:

12 anos e mais de 1,70 metros

13 anos e mais de 1,75 »

14 anos e mais de 1,80 »

15 anos e mais de 1,85 »

16 anos e mais de 1,90 »

escreve para:

«OPERAÇÃO ALTURA»
FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE
BASQUETEBOL

Rua da Madalena, 179 - 2.º

1.100 — LISBOA

Guia Geral

dos Caminhos de Ferro

Com a regularidade habitual, e completamente actualizado, acabamos de receber exemplares da última edição do «Guia Geral dos Caminhos de Ferro».

Esta publicação mensal é, sem qualquer espécie de dúvida, de grande utilidade para todos quantos se servem da rede ferroviária nacional, e serviços internacionais, para efectuarem as suas deslocações de negócios ou turismo.

A «Editorial Aliança» — Rua Formosa, 49 3.º do Porto — que publica este prático guia de bolso vai para 47 anos enviá-lo a todos os interessados que aos seus pedidos juntem dez escudos, em selos, para despesas de expediente e portes.

Esta edição do GGCF insere ainda uma vasta matéria informativa que vai desde os «Horários de Aviação» dos voos domésticos até ao serviço Camionagem combinado com a CP passando por passatempos de viagem e por úteis informações comerciais e outras de carácter turístico.

Assine O Castanheirense

SR. AUTOMOBILISTA

Os instrumentos de sinalização do seu veículo são os órgãos de comunicação de que na estrada dispõe para transmitir as suas intenções.

Por isso a Prevenção Rodoviária Portuguesa aconselha que, com tempo, dê conhecimento do que vai fazer aos outros utentes da estrada.

Albertino Henriques da Silva, Lda.

Tem para venda:

**Moradias, Prédios,
Andares e Lojas,**

nas zonas de

LISBOA E SETÚBAL



SEDE:

Rua do Garrido, 73-1.º

Telefs. 88 72 01 - 88 51 96

LISBOA



FILIAL: Prédio Fiat

R. Gen. Daniel de Sousa, (Prol.) 3.º P. D.

Telef. 25 991

SETÚBAL



ANDARES DESDE 200 CONTOS

Juro 7,5%

INFORMA Joaquim Marques David

Telefs. { Castanheira de Pêra 44158
Lisboa 58940

Manuel Henriques Coelho

Fábrica

de artigos

de cimento

Depósitos para vinho e sulfato, Blocos para garrafeiras, Grelhagem decorativa, Postes para vinhas e parreiras, Placas para poços e vedações, Marcos, Balizas para sinalização de estradas, Manilhas, etc.

Com Vibração em Alta Frequência

Telef. 45418 Pedrógão Grande

Pinheiro do Bolim

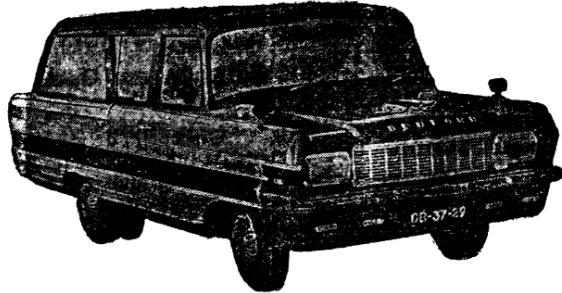
Pedrógão Grande

A Funerária de Moscavide

| DE |

Saul Alves Rosa e Fernando Alves Rosa

Av. Almirante Gago Coutinho — MOSCAVIDE — Telefone 251 91 57



Exclusivo desta Agência

FILIAL A FUNERÁRIA DE SACAVÉM

R. José Augusto Braancamp. 26 — Telefone 251 91 57

S A C A V É M

Funerais, trasladações e artigos religiosos

Correspondente em Lisboa, SAUL ALVES ROSA

Rua das Olarias 16 — Telefone 86 32 74

SERVIÇO PERMANENTE

Amilcar Sandinha

ADVOGADO

Telefones { Escri.º 99172
Resid.º 99436

LOUSÃ

Em Castanheira de Pêra

As Sextas-feiras — Semanalmente

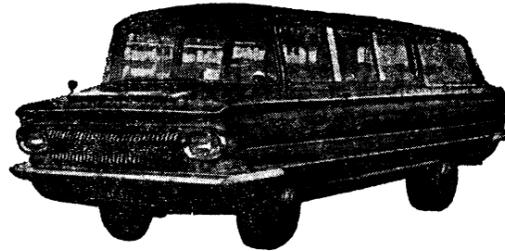
Antiga Agência Funerária Mega

FUNDADA EM 1891

Da firma: MAURÍCIO LOPES MEGA & C.ª L.ª

Lisboa — Largo das Olarias, 48

Telefones 86 34 32 e 86 12 40



Exclusivo desta Agência

Funerais e Trasladações, em todo o país e para o Estrangeiro, possuindo os melhores e luxuosos Autos Carros do país

SERVIÇO PERMANENTE

Notariado Português DE Sarzedas de S. Pedro

Cartório Notarial — Castanheira de Pêra

BARROS, VICENTE & MOREIRA, LIMITADA
CASTANHEIRA DE PÊRA — CARVALHAL

Certifico, que por escritura pública de treze de Junho de mil novecentos setenta e nove, lavrada de folhas oitenta e nove a noventa e duas, do livro de notas número cento trinta e oito, deste Cartório Notarial de Castanheira de Pêra, a cargo do Notário do concelho, Licenciado António Bebiano Correia Henriques Carreira, os Senhores Engenheiro António Pedro Barata de Barros, solteiro, maior, residente nas Vacalouras Castanheira de Pêra, Joaquim Barreto Vicente, casado, residente nos Pesos Cimeiros-Pedrogão Grande, Almerindo da Cruz Moreira, casado, residente em Gestosa Cimeira-Castanheira de Pêra, Serafim Pereira Pais, casado, residente na Tojeira-Pedrogão Grande e António Dinis dos Santos Geralda, casado, residente nos Troviscais-Pedrogão Grande, constituíram entre si, uma sociedade por quotas de responsabilidade limitada, nos termos e com as cláusulas seguintes:

PRIMEIRO

A sociedade adopta a firma de «BARROS, VICENTE & MOREIRA, LIMITADA» e fica com a sua sede e estabelecimento nesta Vila de Castanheira de Pêra no local do Carvalhal.

SEGUNDO

O seu objecto social é o exercício da indústria de azeites e seus derivados, podendo ser explorado qualquer outro ramo de comércio ou indústria que a sociedade resolva explorar e seja permitido por lei.

TERCEIRO

A sua duração é por tempo indeterminado, tendo o seu começo para todos os efeitos legais a partir do dia de hoje.

QUARTO

O capital social é de quinhentos mil escudos e acha-se integralmente realizado em dinheiro, correspondendo a cinco quotas de cem mil escudos, uma de cada sócio.

Parágrafo primeiro — Poderão ser exigidas prestações suplementares de capital desde que tal facto seja deliberado em assembleia geral.

Parágrafo segundo — Os sócios poderão fazer a caixa social, os suprimentos que forem necessários nas condições em que acordarem.

QUINTO

A cessão e divisão de quotas entre os sócios e seus herdeiros são livremente permitidas, dependendo no entanto de prévio e expresso consentimento da sociedade, quando feitas a estranhos.

SEXTO

A gerência dispensada de caução e com ou sem retribuição, conforme for deliberado pela assembleia geral, pertence a todos os sócios, que dividirão entre si os respectivos serviços, sendo necessária a assinatura de dois sócios, para obrigar a sociedade em todos os actos e contratos e a representar em Juízo e fora dele; — Parágrafo único — Nenhum sócio poderá em nome da sociedade assinar letras de favor, fianças ou abonações e mais actos ou documentos estranhos aos negócios sociais, ficando o sócio que transgredir o que fica ex-

posto responsável para com a sociedade pelos prejuizos que lhe causar.

SÉTIMO

No caso de falecimento ou interdição de qualquer dos sócios, poderão os seus herdeiros, se assim o desejarem, continuar na sociedade, onde se farão representar por um que entre si escolherem, ou por quem legalmente os representar, mantendo-se no tocante á divisão da quota o estabelecido no artigo quinto do presente pacto social.

OITAVO

A sociedade só se dissolve nos casos legais, em qualquer outro caso de dissolução, serão liquidatários os sócios procedendo-se á liquidação e partilha conforme acordarem e for legal.

NONO

Quando a lei não exija outras formalidades, as reuniões da Assembleia Geral, serão convocadas por meio de cartas dirigidas aos sócios, com a antecedência de quinze dias pelo menos.

DÉCIMO

Os balanços dar-se-ão em trinta e um de Dezembro de cada ano e dos lucros líquidos que se apurarem será retirada a percentagem legal para o fundo de reserva, sendo o remanescente, sem prejuizo de qualquer outra deliberação, dividido pelos sócios na proporção das suas respectivas quotas.

Está conforme ao original. Castanheira de Pêra, dezanove de Junho de mil novecentos setenta e nove.

O Ajudante do Cartório Notarial,
Francisco Henriques

Alagoa sem água potável!!!

(Continuação da página 5)

Ninguém com o menor espírito de justiça e de honestidade deixará de dar prioridade a um abastecimento de água que evite doenças infecciosas, a busca de água á fonte debaixo de chuva ou quando as pessoas estão doentes e idosos, em relação a uma rua onde se passa sem dificuldades para a maioria dos veículos e onde existe outra via de acesso em perfeitas condições. Quanto a tal e agora projectada, mais admiração causa por seguir sempre paralela a uma Estrada Nacional e desviada desta apenas cem ou poucos mais metros!

Quem pediu esta estrada? Não desejo mas terei que voltar ao assunto.

Confiamos que o bom senso e espírito de verdadeira justiça e progresso seja um facto em Alagoa e no concelho de Pedrogão Grande.

Alagoa, Junho de 1979

A. D. de Carvalho

PERDEU-SE

Pulseira de Prata

Gratifica-se quem fizer a sua entrega na nossa Redacção.

(Continuação da página 5)

rito cristão que não sendo obrigação de nenhum homem ser, é sempre com alegria que se constatam realidades como esta.

No mundo de ódio em que vivemos é como uma flor no meio de cardos, estas provas de amizade pelo próximo.

Na madrugada seguinte o velhinho foi encontrado são e salvo no meio dumas silvas e toda a família e população ficaram cheios de alegria.

FALECIMENTOS

Dores Rosa Simões

Na sua residência em Sarzedas do Vasco, faleceu no passado dia, 6, a Sr.^a D. Dores Rosa Simões.

Exemplar esposa, dedicada mãe, boa vizinha, Dores Rosa Simões, sempre sorridente e afável, tinha na sua saudação do bom dia ou boa tarde, um gesto espontâneo que traduzia com clareza, sensibilidade e autenticidade humana.

O seu desaparecimento causou em todas as pessoas que com ela conviviam, a mais profunda saudade, muito em especial no seio dos seus familiares.

Contando 67 anos de idade, era casada com o Sr. João Simões e mãe da Sr.^a Dr.^a Maria Aline Rosa Simões e irmã da Sr.^a D. Rosinda Simões de Almeida, viúva e dos Srs. Manuel Simões de Almeida, casado com a Sr.^a D. Aurora Simões de Almeida e do Sr. Sá Simões de Almeida, casado com a Sr.^a D. Otilia Dias Morgado.

O seu funeral que com grande acompanhamento se realizou no dia seguinte para o cemitério de Sarzedas de S. Pedro, nela se incorporou elevado número de pessoas, prestando-lhe assim e sua última homenagem.

Deolinda Maria

No lugar do Casal de Além, da vizinha freguesia de Vila Facaia, faleceu recentemente a Sr.^a D. Deolinda Maria, que contava apenas 69 anos de idade.

Dotada das melhores qualidades de trabalho, bondade e honestidade, o seu desaparecimento foi profundamente sentido por todos os seus familiares, bem como por todas as pessoas daquela localidade.

Era casada com o Sr. António Luís dos Santos e mãe do Sr. José Maria dos Santos, casado com a Sr.^a D. Maria Helena Nunes Fernandes Santos e avó da menina Dina Paula Fernandes Santos e do menino António Júlio Fernandes Santos.

O seu funeral que se realizou para o cemitério de Vila Facaia, foi uma bem sentida manifestação de pesar, nele se tendo incorporado centenas de pessoas.

«O Castanheirense» apresenta a todas as pessoas das famílias enlutadas, sentidos pêsames.

Assine O Castanheirense

Circule sempre pela direita

A Prevenção Rodoviária Portuguesa lembra que: a segurança na estrada começa em si! Circule pela direita, sempre o mais possível á direita.



Comemorações do 65.º Aniversário da Fundação do Concelho de CASTANHEIRA DE PÊRA

(Continuação da última página)

— Todas as fotografias estarão devidamente identificadas e numeradas.

— O visitante, de entre elas, escolherá as 30 que lhe parecerem mais representativas, escrevendo os respectivos números em impressos próprios existentes na mesa da Sala das Sessões da Câmara.

— As fotografias com maior número de preferências, farão parte da colecção que se pretende mandar executar.

Esta exposição fotográfica será, como é nosso desejo, levada junto dos emigrantes Castanheirenses radicados no Brasil e nos vários países Europeus, para o que contamos com o apoio indispensável de várias entidades.

DESFILE

O desfile anunciado no Programa Geral terá o seguinte itinerário e efectuar-se-á do modo como se segue:

Itinerário: — Concentração: — Volta da Estrada

— Percurso: — Rua João Bebiano, Avenida Adrião Reis, Rua dos Bombeiros, Rua 5 de Outubro e Praça Visconde de Castanheira de Pêra.

Modo como se efectuará o desfile: — Bandeira Nacional e Bandeira Concelhia; Fanfara dos Bombeiros Voluntários da Nazaré e Bombeiros Voluntários de Castanheira de Pêra e respectivas viaturas; Representação das Colectividades Recreativas, Desportivas e Culturais, com os respectivos estandartes; Representações das Associações Comerciais e Industriais; Representações das Escolas; Representações das Organizações dos Trabalhadores; Representações das Freguesias e Aldeias e seus Ranchos Folclóricos e Filarmónica Castanheirense.

GIESTAS E TOJOS

(Continuação da última página)

tas em que avulte, porventura, o reumatismo podese conservar um bom intelecto, purificar um sentido pleno de interesse colectivo nacional, ser verdadeiramente útil á sociedade, criar e recriar arte, ciência ou técnicas.

— Filho és — diziam os antigos — Pai serás...

E Portugal precisa de todos os portugueses para renascer dignamente, em progresso autêntico, entre as demais Nações. Todos — velhos e novos — não será demais...

6. — A Vida é um Eterno Recomeço

Há leis naturais que tudo regulam. Normalmente, os velhos desaparecem primeiro do que os mais novos, cedendo-lhes o seu lugar.

Afirmam se os novos. Ascendem a lugares cimeiros, á custa do próprio esforço e das circunstâncias naturais. Porém, há casos de impaciência mórbida, pensa-se demasiado em termos de imediato havendo tendência para imitar Júlio César quando este talentoso romano disse: — Cheguei, vi e venci.

7. — Reaccionários e Revolucionários

Nada tem valor absoluto!

Heróis e traidores são conceitos em que a relatividade também conta.

Nesta axiologia das sociedades humanas, o único valor que poderá vir a prevalecer é o do respeito pelo Homem e e pelos seus direitos.

Só nos parece perene esta Mensagem Cristã. Quanto ao mais...

Sim, tudo é relativo!

Revolucionários de ontem, animosos e honestos, podem vir a merecer, hoje, o epíteto acintoso de reaccionários.

Mas, por esse Mundo de Cristo, quem nos garante, que aos revolucionários de hoje, generosos e fieis a um ideal, não poderão vir a chamar, também, em algum dia ou em algum lugar num afrontamento codicioso, apenas reaccionários?

A História ensina-nos tanta coisa!



MARGAPOR

AUTO MARGAPOR, L. DA

OFICINA DE:

- MECANICA
- BATE-CHAPA
- PINTURA
- ELECTRICISTA
- ESTOFADOR



PRACETA LUÍS LUDOVICE, 8-A E 8-B **DAMAIA**

Vai tão longe o pensamento
Que o homem nunca o alcança.
— Quem se contenta com pouco
Encontra a sua abastança.
João Grave



O Castanheirense



Nas incertezas da vida,
Nas noites frias sem luz,
Se a luta é quase perdida,
Sómente a Fé nos conduz!
Luiz Otávio

FUNDADORES: Dr. José Fernandes de Carvalho e Eduardo Silva

NUMERO AVULSO, 1950

Pela Paz — Pela Democracia — Pela Justiça Social

AVENÇADO NO CORREIO

GIESTAS E TOJOS RECORDANDO...

por MIGUEL TREVIM

1. — Os «Velhadas»

Há quem pense que se renova um país substituindo, pura e simplesmente, os mais velhos pelos mais novos.

Embandeira-se em arco só porque certas caras ou vozes antigas, muito conhecidas, deixaram de aparecer, para darem lugar a novas revelações (!)

Erro crasso!

Há velhos com talento, experiência, imaginação criadora, e até com espírito juvenil, capazes de — por exemplo — renovarem, com nível e arte, com dignidade e consciência profissional, estúdios e produções radiofónicas ou televisivas.

Em contrapartida, há «novos» sem mérito, sem vocação verdadeira, sem autentica doação, sem cultura adequada à função desempenhada, sem maturidade profissional — incapazes, em suma, de renovarem programas e processos de comunicação e... até propensos ao erro!

Não. Não basta mudar as caras ou as vozes!

Na Rádio e na Televisão poucos serão os novos que têm revelado talento. E, se alguns continuam a ser-nos impostos, nem por isso apagam saudades dos antigos profissionais com talento.

2. — Luta de Gerações?

Mais do que uma luta de gerações, aceita-se uma salutar concorrência entre os que desejam manter posições profissionais laboriosamente conquistadas pelo seu talento e competência profissional e os que, legitimamente, desejam afirmar-se numa profissão para a qual se sentem vocacionados.

— Que vençam os mais dotados!

Velhos e novos merecem respeito. E não somos tão ricos de valores que possamos menosprezar alguns.

De qualquer modo, não está provado que o talento seja directa ou inversamente proporcional à idade.

3. — Velhos e Novos são elos de uma cadeia

O talento, a criatividade, o entusiasmo e o brio profissional não são exclusivos nem dos novos nem dos velhos.

Respeite-se o mérito de cada um e não se olhe mais para o seu bilhete de identidade.

Na verdade, são as obras o decisivo testemunho a considerar para a qualificação de cada profissional. E nada justificará uma espécie de alergia a quem, em determinado ramo de actividade, acabe por estar «muito visto».

Ou teremos todos de mudar de profissão só porque haverá sempre quem esteja farto de nos ver na nossa?

4. — As cores...

Tal como a idade mental pode não coincidir com a idade cronológica, também o talento não terá algo a ver com o bilhete de identidade.

Do mesmo modo, a cor regionalista, ou a cor clubista, ou, ainda, a cor ideológica de quem trabalha, nada terá que ver com o real mérito profissional — mesmo no campo artístico ou no dos profissionais da informação.

5. — Ser Português

A Revolução trouxe-nos uma irreverência saudável. Mas nem por isso se deverá cair no extremismo de considerar pobre, nefasto ou simplesmente negativo tudo quanto pertence ao Passado.

Há valores a preservar.

Um deles, em nosso entendimento, será o do respeito pelos mais velhos, de cuja experiência e labor a sociedade também terá beneficiado.

Quando, relativamente aos generais de antanho, se falou, com sarcasmo, na Brigada do Reumático, esqueceu-se que o Tempo — inexorável na sua marcha impiedosa — há-de trazer ahaques semelhantes aos jovens capitães que assim aludiram aos seus chefes hierárquicos.

E, afinal, pode-se ser patriota — e estar cheio de reumático!

Efectivamente, mesmo com artrites ou com outras malei-

(Continua na página 7)

Ao pretendermos retirar do nosso arquivo determinado documento, deparámos com o original de um soneto que, em tempo, o nosso prezado e saudoso Amigo que foi o Senhor Marcolino Filipe David Tomás, em Fevereiro de 1938, nos mandou da Holanda, propriamente



Marcolino Filipe David Tomás

de Rotterdam, na sua qualidade de nosso distinto Colaborador e bom Amigo de «O Castanheirense», soneto esse que com certa saudade nos apraz voltar a publicar neste número e que certamente voltará a ser apreciado, especialmente pelos nossos conterrâneos naturais do Troviscal, a cujo lugar é dedicado

Marcolino Filipe David Tomás, nasceu no Troviscal ridente povoação do nosso concelho, a 9 de Setembro de 1901. Depois de estudar durante alguns anos em Coimbra, e dado o seu espírito de aventura, emigrou para Lisboa, enveredando pela carreira marítima, para a qual se havia especializado, vindo a frequentar alguns Cursos, tendo chegado a Comandante da nossa Marinha Mercante, tendo comandado diversos navios, especialmente nas rotas de África e Américas e Norte da Europa.

Tendo, mais tarde, deixado a vida do Mar. Sempre de espírito activo, dedicou-se à Contabilidade, modalidade que veio a chefiar nas Fábricas Barros, com toda a competência, merecendo justamente a maior consideração dos seus superiores e estima dos seus subordinados.

Veio a falecer no dia 9 de Setembro de 1978, precisamente no dia em que completava 77 anos.

Deixou viúva a Ex.^{ma} Senhora D. Cora da Conceição Teia, Senhora de toda a respeitabilidade que em tempo foi Professora Primária neste Concelho onde deixou gratas recordações. Ed.

LEIA,
ANUNCIE,
E DIVULGUE
"O CASTANHEIRENSE"

Comemorações do 65.º Aniversário da Fundação do Concelho de CASTANHEIRA DE PÊRA

PROGRAMA GERAL

TERÇA-FEIRA, 3 DE JULHO

- 15,30 horas — SALVA DE MORTEIROS
- 19,00 " — GRANDE PROVA DE ATLETISMO
- 21,00 " — NOITE POPULAR, com BAILE à «Moda Antiga» — Fado Mandado, Baile de Roda, Violas, Harmónicas e Concertinas etc., (como muito bem as pessoas entenderem).

QUARTA-FEIRA 4 DE JULHO

- 9,00 horas — Alvorada e Música Portuguesa.
- 10,00 " — Hastear das Bandeiras Nacional e Concelhia no Edifício dos Paços do Concelho, com a presença dos Bombeiros Voluntários de Castanheira de Pera, Filarmónica Castanheirense, Guarda Nacional Republicana, Autoridades Concelhias e População.
- 10,30 horas — Sessão Solene no Salão Nobre dos Paços do Concelho.
- 11,00 " — Chegada da FANFARRA dos Bombeiros Voluntários da Nazaré.
- 15,00 " — Desfile pelas ruas da Vila das Representações das Freguesias e Aldeias do Concelho, que se convidam a comparecer, com a participação dos Bombeiros Voluntários de Castanheira de Pera, Filarmónica Castanheirense, Ranchos Folclóricos Concelhios, Representações das Escolas do Concelho, Colectividades de Cultura e Fanfarras dos Bombeiros Voluntários da Nazaré.
- 18,00 horas — Exibição da Fanfarras dos Bombeiros Voluntários da Nazaré e dos Ranchos Folclóricos do Concelho.
- 22,00 " — Exibição do categorizado Rancho Folclórico de Pombal.
- 23,00 " — SERENATA por Estudantes de Coimbra.
- 24,00 " — BAILE com o Conjunto Musical WHITE STAR de Castanheira de Pera.

Durante os Festejos haverá: Sardinha e Bacalhau assados, outros Petiscos e Bons Vinhos.

NOITE DA FREGUESIA DO COENTRAL

Os nossos conterrâneos Coentralenses residentes em Lisboa, também quiseram, com a sua reconhecida boa vontade e o bairrismo que os caracteriza, colaborar nas Comemorações do 65.º Aniversário da Fundação do nosso Concelho.

Porém, na impossibilidade de estarem entre nós nos dias 3 e 4, dirão no próximo dia 7 de Julho: PRESENTE!

Assim, e no âmbito das Comemorações teremos no dia 7 de Julho, pelas 21 horas: NOITE DA FREGUESIA DO COENTRAL.

EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA

do Concelho de Castanheira de Pera

No âmbito das comemorações do 65.º Aniversário da Fundação do Concelho, encontra-se patente ao público nos dias dos festejos (3 e 4 de Julho até ao dia 10 seguinte) uma EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA, no Salão Nobre da Câmara Municipal e corretores anexos.

Além de se querer dar uma panorâmica geral do concelho, pretende-se que desta exposição sejam escolhidas 30 fotografias, as quais farão parte de uma colecção ilustrada para venda e propaganda da nossa região.

A referida escolha será efectuada por todos os munícipes que o desejarem, sendo feita nos seguintes moldes:

(Continua na página 7)

Gorge Frias Fernandes
MÉDICO

Especialista de Cardiologia do Centro Hospitalar de Coimbra

As quartas-feiras depois das 14 horas no consultório do
Dr. Luís Frias Fernandes

TELEFONE 4 2338 — FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Flávio R. Moura

SOLICITADOR

TELEFONE P. F. 42 217 — FIGUEIRÓ DOS VINHOS